

ESPINOSA, SARTRE E HEIDEGGER: ANTÍGENOS CONTRA A COVID-19

Francisco Estefogo¹

Resumo

Mesmo no século XXI, embora os avanços tecnológicos e científicos, sobretudo, na área da saúde, sejam respeitáveis e contundentes, a humanidade ainda padece com a COVID-19, sem precedentes na história moderna. Não bastassem a supressão da liberdade, a colossal desigualdade, a convulsão social e o enorme contingente de cidadãos, já tão vilipendiados devido às claudicantes políticas públicas e à guerra ideológica, particularmente no Brasil, a recente pandemia do coronavírus coloca a humanidade à prova. Agir e resistir é preciso. Como para Espinosa (2008, 2013) fazemos parte da cadeia de causa e efeitos, tanto física como abstrata, encontros felizes são necessários, especialmente em circunstâncias catastróficas, para que a potência humana do pensar e do agir seja expandida. Este ensaio objetiva discutir as possibilidades de escolhas ponderadas pela razão para enfrentarmos tal moléstia, de modo que sejamos capazes de aumentar nossa potência de agir de forma responsável. Esta discussão filosófica também está fundamentada nas principais concepções existencialistas de Heidegger (1988) e de Sartre (1973, 1998), no que diz respeito à nossa atitude frente ao inevitável perecimento do ser humano e às decisões tomadas diante da efêmera e finita vida. Inspirado em Sartre (1973, 1998), que se pauta em Heidegger (1988), no tocante à liberdade, é razoável afirmar que somos livres porque, uma vez no mundo, somos responsáveis por tudo que fazemos.

Palavras-chave: Potência humana. Encontros felizes. Conatus. Liberdade. Existencialismo

Abstract

Despite the technological and scientific advances of the 21st century, especially in the area of health, which are respectable and valuable, humanity still suffers from COVID-19, unprecedented in modern history. As if the suppression of freedom and colossal inequality were not enough, social upheaval and the huge contingent of citizens, already so vilified due to limping public policies and ideological, particularly in Brazil, the recent coronavirus pandemic puts humanity at stake. Acting and resisting is necessary. According to Spinoza (2008, 2013), as we are part of the chain of cause and effects, both physical and abstract, happy encounters are necessary so that the human power of thinking and acting is expanded. This essay aims to

¹ Membro titular da Academia Taubateana de Letras (ATL), Francisco Estefogo é pós-doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUCSP. Diretor acadêmico da Cultura Inglesa Taubaté e professor do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada da UNITAU. Pós-doutorando em filosofia pela UNIFESP e PUCSP. franestefogo@uol.com.br

discuss the possibilities of choices based on reason to deal with such disease, so that we can increase our power to act responsibly. This philosophical discussion is also underlain by the main existentialist conceptions of Heidegger (1988) and Sartre (1973, 1998), regarding our attitude towards the inevitable perish of human beings and the decisions made in the face of ephemeral and finite life. Inspired by Sartre (1973, 1998), who is prompted by Heidegger (1988), with regard to freedom, it is reasonable to say that we are free because, once in the world, we are responsible for everything we do.

Keywords: Human power. Happy encounters. Conatus. Freedom. Existentialism

Introdução

A responsabilidade, para dois dos maiores representantes do existencialismo, Heidegger (1988) e Sartre (1973, 1998), é central no que se refere à liberdade das escolhas com vistas à construção da nossa trajetória, uma vez que a nossa existência está calcada na materialidade e na concretude da vida. Segundo esses filósofos existencialistas, o ser humano é definido em conformidade com o modo que escolhe viver; portanto, temos responsabilidade total sobre a nossa existência.

Nessa toada acerca do existir, Espinosa (2008, 2013) propõe encontros felizes para o fortalecimento do *conatus* (grosso modo, o impulso humano de autopreservação), de modo que possamos prosseguir na existência, resistindo e expandido (LIBERALI, MEGALE, 2019), mas não apenas sobrevivendo. Chauí (2005) define o *conatus* como “*uma força interna para existir e conservar-se na existência, o conatus é uma força interna positiva ou afirmativa, intrinsecamente indestrutível, pois nenhum ser busca a autodestruição*” (CHAUÍ, 2005, p.23). Dito de outra forma, a alegria, para Espinosa (2008, 2013), é a sensação que experienciamos quando nossa potência de viver aumenta; a tristeza é o resultado de um encontro que mingua essa robustez.

Frente à maior crise contemporânea da humanidade, a COVID-19, a partir do alinhamento dessas duas perspectivas filosóficas, fazer as escolhas racionais e com responsabilidade, como, por exemplo, completar o esquema vacinal, é fulcral para que possamos enfrentar tal moléstia, de modo que sejamos capazes de aumentar nossa potência de agir de forma consciente em relação à coletividade. Este ensaio objetiva discutir as possibilidades de ações contra o coronavírus, de forma responsável e, ao mesmo tempo, como este momento sócio-histórico sem precedentes poderá fortalecer – *ou não* - a nossa existência como seres humanos.

Para tanto, o foco teórico-filosófico se espraia, primeiro, pelas discussões relacionadas aos encontros felizes e à responsabilidade, de acordo com perspectiva espinosiana e existencialista, respectivamente. Na sequência, algumas atitudes, tanto as responsáveis como as irresponsáveis, dada à letalidade do vírus, serão observadas pela ótica dos dois principais pilares filosóficos que pautam este ensaio. Por final, reflexões serão elaboradas de modo que futuros procedimentos e pronunciamentos, frente a outras inusitadas – e inevitáveis – perturbações e vulnerabilidades humanas, possam ser concebidos de forma responsável para que, *a priori*, a vida humana terrena possa resistir e expandir (LIBERALI, MEGALE, 2019).

Prescrições espinosianas: inúmeros encontros felizes

Dado que nenhum ser humano “busca a autodestruição”, como Chauí (2005) acima assevera, para Espinosa (2008, 2013), o encontro dos corpos, ou seja, o ato de existir, pode ser uma circunstância que aumente ou diminua a nossa força de ser e atuar no mundo. Em outras palavras, nossos encontros afetam a nossa interioridade, isto é, a nossa *potência de agir*.

Na trajetória da vida, o nosso corpo passa por variadas transformações e marcas. Essas mudanças ocasionam novas maneiras de agir, ser, aprender e conhecer o mundo. Essa dinâmica nos modifica interna e externamente em relação ao nosso modo de nos relacionarmos com nossa existência. Assim sendo, o nosso existir significa, à medida que o *conatus* se expande, ser cada vez menos egoísta e estar conectado com a nossa forma de ser e agir. Às voltas com uma pandemia sem precedentes, agir de forma irresponsável e individualista, rejeitando as vacinas, por exemplo, é negar a existência e a força da potência do coletivo, afeições encorajadoras indispensáveis para prosseguirmos como seres humanos.

Na contramão, Espinosa (2008) entende a importância dos encontros afetivos e motivadores de modo que a nossa ação e o nosso agir no mundo sejam atos expansivos; ou seja, encontros felizes. Na sua obra “Ética”, Espinosa elabora a seguinte reflexão sobre as implicações dos encontros dos corpos: “*por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções*” (2008, p. 35).

Essas afecções estão relacionadas à maneira como o mundo e o corpo se afetam. Portanto, estar em contato com um corpo, que comunga com a nossa natureza, possibilita um estado de alegria, ou pela ótica de Espinosa (2008), encontros felizes. Quando uma afecção nos possibilita ter maior potência de ser e atuar no mundo significa, em tese, que houve um afeto de alegria, pois um corpo, que possui as mesmas propriedades, encontrou o nosso. Os encontros felizes permitem que nos tornemos mais próximos do mundo, dos outros e de nós mesmos,

potencializando a nossa capacidade de afetar e ser afetado. No mais, igualmente possibilitam condições expansivas do nosso *conatus*.

Paradoxalmente, o estado de tristeza é decorrente dos encontros que não compartilham determinadas circunstâncias com a nossa natureza. Dentre outros encontros infelizes, ser infectado por uma doença como a COVID-19, por exemplo, nos limita, nos constrange, nos enfraquece, nos debilita, nos impõe um muro para opacamente vivenciar o mundo. Dessa maneira, um afeto de tristeza diminui nossa força para existir e agir, o que apequena nossa potência, ou seja, o nosso *conatus* entra em estado anêmico. Em relação a essa possível fragilidade do *conatus*, para Deleuze, “*as afecções à base de tristeza se encadeiam, portanto, umas nas outras e preenchem nosso poder de ser afetado. Elas o fazem, porém, de tal maneira que nossa potência de agir diminui cada vez mais e tende para seu mais baixo grau*” (DELEUZE, 2002, p. 43).

Os afetos de alegria e tristeza são correspondentes aos encontros felizes ou infelizes à medida que somos conscientes deles, possibilitando a compreensão do que seja um encontro bom ou ruim, ou seja, a variação da potência de agir. Espinosa nos ensina que “*o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída*” (2008, p. 73).

A potência do *conatus* é o que vai definir a produção do desejo, essência do ser humano. O nosso desejo é o tempo todo preenchido por tristezas ou alegrias. É preciso saber descartar os encontros infelizes, reconhecer o que nos convém e transformar o inevitável que nos prejudique. Quanto mais forte for o nosso *conatus*, teoricamente, mais vontade de viver e prosseguir teremos. Contudo, se estiver debilitado, a ação humana também estará lânguida. A condição de existência está vinculada à força decorrente, na medida do possível, dos afetos de alegria. E, claro, dos sentimentos de tristeza que afugentam o desejo de viver. Conforme Espinosa (2008) discute, podemos ter uma reação ativa ou passiva frente a essas duas estimas.

Os afetos passivos, ou paixões, ocorrem quando não somos a causa de determinadas circunstâncias. O mundo é necessariamente responsável por essa força negativa que é imposta ao nosso corpo. Como não buscamos a autodestruição, as ações, ou afetos ativos, estão relacionados aos encontros felizes, visto que sempre nos esforçamos para aumentar a nossa potência de ser e agir. Expandir-se e tornar-se alegre são ações inerentes ao ser humano. Assim, o corpo naturalmente age para crescer, fortalecer-se, expandir-se. Em particular, neste momento sócio-histórico de uma enfermidade planetária sem precedentes na modernidade, aumentar as múltiplas maneiras de ser e agir no mundo, para anabolizar o nosso *conatus*, é central.

A oportunidade de escolher melhor os nossos encontros, ser ativo e responsável na geração dos afetos, o que fortalece ou enfraquece o nosso *conatus*, é o que temos a fazer para conhecer melhor nossa relação com o mundo, sem barreiras ou sem balizas - *como alguns insistem em construir, mesmo que retoricamente*. Conhecendo os afetos, podemos organizar e selecionar os encontros e ativamente ser responsáveis pelo que nos acomete. É com base na escolha de ações responsáveis, como finalizar o ciclo vacinal, por exemplo, que este ensaio entende a possível articulação com o pensamento dos existencialistas, concernente ao fato de que nós sempre teremos que (re)construir a nossa existência, sobretudo, a partir das nossas escolhas.

E, neste momento ainda nebuloso de coronavírus, mesmo com a disponibilidade quase planetária das vacinas, à luz desta discussão filosófica, vicejam as seguintes reflexões: temos frequentado lugares onde nossa potência, nossa vontade, nossa força de viver é aumentada ou retraída? Convivemos com pessoas que nos encorajam ou nos aprisionam? Esses encontros são positivos ou negativos para nosso bem-estar e proteção? Como podemos oportunizar encontros felizes com os que negam as vacinas? Poderemos ter respostas para essas perguntas mais adiante neste ensaio, quando alguns atos e falas de responsabilidade e irresponsabilidade, relacionados à COVID-19, serão observados. Pode-se adiantar, no entanto, que, a partir dos inúmeros encontros felizes prescritos por Espinosa (2008, 2013), a nossa missão como humanos é transformar os afetos passivos em ativos e, desse jeito, afastarmo-nos da servidão para abraçar a liberdade (DELEUZE, 2002).

Recomendações existencialistas: escolhas responsáveis

Fundamentado em Heidegger (1988), Sartre (1973, 1998) elaborou o pensamento filosófico existencialista centrado na existência material e concreta da vida. Para esses filósofos, nós somos definidos a partir da maneira como vivemos. Destarte, tornamo-nos responsáveis pelo modo como levamos a vida, uma vez que a condição de nossa existência é totalmente decorrente dos nossos atos. Esse processo de construção somente se encerra com a morte.

A ideia de que o indivíduo constrói a si mesmo é o que Sartre (1973, 1998) denomina como liberdade. A noção desse conceito, central no existencialismo, além de colocar a responsabilidade humana no topo de suas ações para permitir – *ou não* – a condição de sua existência, dispensa o questionamento da existência de Deus, já que, frente à liberdade de escolha que nos é dada, a força divina não interfere nas escolhas que somos capazes de fazer.

Uma vez livres, somos responsáveis por nossos atos. Consequentemente, somos livres para pensar e conceber nossos próprios paradigmas, elaborar nossos discursos, organizar as

nossas ações, dentre tantas outras incontáveis atividades que fazemos na nossa trajetória de vida. As nossas escolhas são o que define o que somos, já que o fundamento da nossa existência não é uma essência. Pela ótica de Sartre (1998, p. 125), a liberdade é a condição fundamental da ação, portanto o indivíduo está condenado a ser livre:

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade por meio de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser (SARTRE, 1998, p. 125).

Uma vez conscientes, somos livres para escolher. Por conseguinte, as nossas ações praticadas são intencionais e, já que vivemos em sociedade, a nossa liberdade é um fardo que atrela a nossa responsabilidade com o nosso destino e com o dos outros à nossa volta. Logo, as escolhas feitas implicam a humanidade como um todo, dado que a maneira que desejamos ser imprime, de uma certa maneira, um modelo de como os demais também deveriam ser. Essa dinâmica desencadeia um sentimento de angústia no indivíduo, ao perceber que ele é o responsável por si e, na mesma medida e ao mesmo tempo, por todo o mundo.

Para tudo que existe, decorrente de ações objetivas, Sartre (1973, 1998) utiliza a expressão “em-si”. Todas as representações subjetivas, oriundas da consciência humana, são denominadas “para-si”. Por isso, por intermédio da ação, o ser “para-si”, uma vez consciente, precisa estabelecer relações com o mundo do “em-si”, pois o “nada” só pode ser o “nada de alguma coisa”. Essa força do “nada” revela a nossa capacidade de questionarmos tudo. E é exatamente a partir das interrogações e das escolhas que a liberdade humana se instaura. Portanto, a liberdade é a condição *sine qua non* que define a nossa existência calcada das nossas escolhas. É também o elemento que permite o “para-si”, ou seja, a consciência é responsável pelo seu próprio devir. Em outras palavras, o “em-si” é o objeto e o “para-si”, a consciência. No entanto, a consciência é somente intencional quando está atrelada ao objeto. Nas palavras de Bornheim (1971, p. 89), como se lê abaixo, a consciência é um vazio transparente que se nutre na intencionalidade:

[...] a consciência não passa de um vazio transparente que se alimenta de sua intencionalidade, e isso de um modo tão radical que o tema da intencionalidade ostenta uma dimensão ontológica. A consciência é consciência de..., ela é intencional, e, nesse sentido, o para si é o que não é e não é o que é. A vida da consciência consiste em tender a algo que ela não é, buscando como coincidir plenamente com o outro que não ela mesma, com um intencionado; assim, ela é o que não é. Mas ela não é o outro, não é aquilo do qual tem consciência, visto que, sendo consciência, esgota-se na distância e não consegue abandonar-se; e, assim, ela não é o que é enquanto intencional (BORNHEIM, 1971, p. 89).

Dado que a existência de Deus não tem implicações na nossa vida, a responsabilidade sartreana ganha destaque. Não podemos escapar da liberdade das nossas ações, muito menos da responsabilidade por elas. Portanto, para Sartre (1973, 1998), a liberdade tem um sentido de “*condenação de angústia*”, pois a nossa vida depende de nossas escolhas. Embora não possamos fugir da nossa existência, que está atrelado a como escolhemos viver, podemos mascará-lo para que não enfrentemos o fato de que o fundamento da nossa existência não é uma essência divina, mas resultado das nossas escolhas.

O que somos hoje não está, tampouco foi, predeterminado, mas é uma compilação das implicações das nossas ações. Sendo assim, **a existência humana precede a essência**, o que significa que só podemos ser compreendidos com base nas nossas ações no mundo. Portanto, como existimos a partir do que realizamos, apenas nós humanos existimos de fato, visto que os demais seres e objetos apenas são. Esse é o principal caráter existencialista de Heidegger (1988). Dito de outra forma, a vida é feita de escolhas.

O significado que damos à nossa existência é parte da liberdade da qual não podemos negar. Por conseguinte, a liberdade é incondicional. Estamos fadados a sermos livres. Por isso, na perspectiva existencialista, estamos condenados a ser pelo que fazemos, a cada instante de nossa vida, pelo conjunto das decisões e ações que adotamos no dia a dia. Somos responsáveis por tudo o que acontece conosco. Nas palavras de Sartre (1973, p. 59), “*condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer*”.

Na visão de Sartre (1973), a partir do momento que tomamos consciência da nossa existência, definimos o nosso modo de ser, e, assim nos projetamos para o futuro. Essa consciência de ações não se limita apenas na individualidade, dado que vivemos em coletividade, ou seja, na *pólis*. À vista disso, as nossas atitudes se refletem na coletividade. Dessa forma, a responsabilidade de nossas ações tem muito mais implicações do que imaginamos, pois toda a sociedade será afetada pelas nossas ações. Em relação à articulação da individualidade com o coletivo, Sartre postula que:

O primeiro passo do existencialismo é por todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens (SARTRE, 1973, p. 68).

Segundo os existencialistas, se delegarmos as responsabilidades de nossas atitudes à sociedade, às pessoas com quem convivemos, ou a um momento de emoção, como a raiva, a paixão, o amor, ou ao mero “*as coisas são assim porque são*”, a nossa vida se caracteriza como

inautêntica. Embora pareça pessimista o peso da nossa responsabilidade em relação às nossas escolhas, os existencialistas nos delegam a condição de sermos autônomos em relação às esferas existenciais, morais, econômicas, sociais, culturais, científicas e políticas. Assim, o futuro depende da responsabilidade dos nossos atos, posto que as nossas escolhas pela realização de nosso projeto de vida e da nossa existência cabem tão somente a nós mesmos. Como mencionado previamente, estamos totalmente dissociados de uma essência anterior à nossa existência, bem como de planos divinos.

Dessa maneira, entender o mundo pela ótica existencialista em tempos de COVID-19, em particular, é lembrar do **nosso dever frente ao mundo como construtores da realidade**. É um convite para buscar o sentido da nossa existência e, dessa maneira, atravessar este momento de pandemia, e verter esse sentimento de medo, tensão, insegurança, ameaça, vulnerabilidade e indefensabilidade em escolhas com responsabilidade que temos como humanos para, então, transformar este pedaço infectado da história deste começo de século.

Recurso terapêutico contra a COVID-19: responsabilidade

Rejeitar as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), tais como o uso de máscaras em locais fechados, higiene contínua das mãos e, indubitavelmente, tomar as doses disponíveis das vacinas são, pela ótica dos existencialistas, ações no mínimo irresponsáveis. Como somos os construtores da realidade e, por isso, os responsáveis pela nossa finita existência, essas atitudes inconsequentes vão, certamente, agravar ainda mais o sentimento de insegurança, vulnerabilidade e ameaça que ainda estamos vivendo neste momento sócio-histórico particular.

Não há plano divino que vá sanar os altos índices de contaminados e de mortos em lugar algum. No mais, como não buscamos a autodestruição, como advoga Chauí (2005), e, assim, não queremos ser infectados, mas podemos ser por conta das ações irresponsáveis de outros, ou seja, os afetos passivos, o nosso corpo padece por essa força negativa. O nosso *conatus* desfalece.

Se examinarmos essas atitudes inconsequentes sob a ótica dos dois principais pilares filosóficos que pautam este ensaio, ou seja, o pensamento espinosiano e o existencialismo, entendemos que essas afrontas e desdém obscurecem o **nosso dever frente ao mundo como construtores da realidade para uma vida coletiva melhor, bem como** geradores dos afetos que fortalecem o nosso *conatus*.

Na conjuntura global ainda tão frágil, onde a união, a fraternidade, a solidariedade são centrais para a construção dos encontros felizes espinosianos, certas ações e falas arbitrárias e

irresponsáveis, inclusive proferidas por líderes mundiais, como também algumas cenas canhestras em oposição aos avanços científicos causam fissuras entre as nações, os poderes e a sociedade. A convulsão social se dilata. Os embates ideológicos se acirram. O nosso *conatus* esmorece.

Considerações finais

Este ensaio objetivou discutir as possibilidades de ações contra o coronavírus, de forma responsável e, ao mesmo tempo, como este momento sócio-histórico sem precedentes poderia fortalecer – *ou não* - a nossa existência. O enfoque é refletir sobre as razões que ainda assolam a humanidade em relação à COVID-19 de modo que iluminem debates e indiquem caminhos mais sensatos e responsáveis para confrontar a referida chaga.

Pela perspectiva das principais proposições filosóficas que ancoram esta reflexão, ou seja, Espinosa (2008, 2013), Sartre (1973, 1998) e Heidegger (1988), determinadas posturas negacionistas e seus asseclas, que propõem defesas demasiadamente suscintas com escassas argumentações, algumas considerações podem ser feitas em relação aos encontros felizes e à *condenação* de escolher o nosso modo de vida.

Os reiterados testes e mais testes, recomendados pela OMS há pelo menos 2 anos atrás, bem como o isolamento social, além da higienização das mãos com álcool gel e sabão e o ato de cobrir a boca ao tossir e espirrar, e, inequivocadamente, a vacinação completa, como visto pelas perspectivas espinosiana e existencialista, são ações de responsabilidade e que possibilitam, em tese, o antígeno para a geração de afetos ativos. Como visto ao longo desses dois últimos anos, os atos de solidariedade tais como as cantorias e as atividades de entretenimento nas varandas, as calorosas manifestações de agradecimento ao contingente clínico, como também a aproximação das famílias engrossa essa lista de atitudes responsáveis e de contextos fecundos para os encontros felizes de Espinosa (2008, 2013) e, por conseguinte, a potencialização e a expansão do nosso *conatus* como seres humanos.

Contraditoriamente, o desrespeito às regras do contingenciamento da pandemia, o egoísmo das atitudes e dos discursos descabidos, sobretudo, proferidos por alguns mandatários, tal como os ataques ao progresso científico, configuram atos de irresponsabilidade. Como efeito, e pelo prisma dos existencialistas, dada a finitude da vida, possivelmente acarretarão mais pânico, segregação, embates e, infelizmente, a transmissão generalizada do coronavírus. Por conseguinte, o nosso *conatus* poderá definhar.

Retomando a perspectiva existencialista, uma vez que estamos, então, condenados à nossa existência pelo que fazemos a cada momento de nossas vidas, ancorados no conjunto das

decisões e atitudes que adotamos no dia a dia, como aludido anteriormente, as considerações acima fazem referência aos nossos deveres como seres humanos, pois somos construtores da realidade. Elas podem ser boas ou não. Não desejamos a autodestruição, já apontado por Chauí (2005) no começo deste ensaio, portanto, os atos de contenção do vírus relatados previamente podem ser circunstâncias que certamente aumentarão a nossa força de ser e atuar no mundo, sobretudo, a partir da coletividade.

Talvez, a contar com os atos de responsabilidade mencionados previamente contra o coronavírus, legitimaremos a nossa existência e a nossa força da potência do coletivo para prosseguirmos como ser humanos. Provavelmente, nossa força de viver será aumentada. Eventualmente, conviveremos com pessoas que nos encorajem. Porventura, esses encontros serão positivos para nosso bem-estar e proteção. Ocasionalmente, aprenderemos a produzir encontros felizes para posteriormente agir com alegria. Decerto, prosseguiremos na existência da trajetória humana, resistindo e expandido, frente a novas pandemias, e a outras adversidades inevitáveis, mas não apenas sobrevivendo, como postula Espinosa (2008, 2013).

Erradicar a COVID-19 dependerá indefinidamente das nossas ações individuais em prol da coletividade. Poderemos assim, talvez, transcender esta época de incertezas, e transformar essa sensação de pavor, inquietude e atemorização em ações responsáveis para ressignificar este momento sócio-histórico-cultural ímpar num grande aprendizado de solidariedade, consternação, virtude, compaixão, harmonia, bondade, humanização e amor, e, desse jeito, quiçá garantir a nossa existência terrena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORNHEIM, G. Sartre: metafísica e existencialismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- CAMUS, A. O homem revoltado. 9º edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- CHAUÍ, M. S. Espinosa: Uma filosofia da liberdade (2a. ed.). São Paulo: Editora Moderna, 2005.
- DELEUZE, G. Espinosa e o problema de expressão. São Paulo: Editora 34, 2002ª.
- DELEUZE, G. Espinosa – filosofia prática. São Paulo: Editora Escuta, 2002b.
- ESPINOSA, B. Ética demonstrada à maneira dos geômetras. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- ESPINOSA, B. Ética. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.
- HEIDEGGER, M. Ser e tempo (v. I). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1988.
- LIBERALI, F.; MEGALE, A. Alfabetização, letramento e multiletramentos em tempos de resistência; São Paulo: Pontes, 2019.
- SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- SARTRE, J. P. O ser e o nada. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.